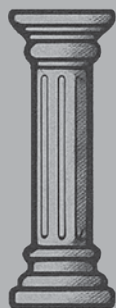


O
COMPLEXO
DE
CASTRACÃO



ANDRÉ
GREEN

ARTES & ECOS



Porto Alegre • Artes & Ecos, 2026

Copyright © 2026 Artes & Ecos

EDITOR Lucas Krüger

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Luísa Zardo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G82c

Green, André / O complexo de castração / André Green –
Porto Alegre: Artes & Ecos, 2026.

178 p.; 14 X 21 cm

ISBN 978-65-87457-50-5

1. Psicanálise.

CDU 150.195

Catálogo na publicação elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos —
CRB-8/9166

ARTES & ECOS 

Artes & Ecos
contato@arteseecos.com.br
www.arteseecos.com.br

SUMÁRIO

COMENTÁRIOS PRELIMINARES E EDITORIAIS DE ANDRÉ GREEN	9
I. PREFÁCIO À EDIÇÃO <i>QUADRIGE</i>	9
II. ADVERTÊNCIA À TERCEIRA EDIÇÃO	13
III. APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO BRASILEIRA	
Martina Dall'Igna de Oliveira	15
INTRODUÇÃO	19
PRIMEIRA PARTE Situação do complexo de castração	25
CAPÍTULO I Aspectos da castração real: biologia e antropologia	27
I. – DETERMINISMO SEXUAL BIOLÓGICO	28
II. – BREVES OBSERVAÇÕES SOBRE A CASTRAÇÃO NO ANIMAL	30
III. – A CASTRAÇÃO REAL, NÃO RITUALÍSTICA, NO HOMEM	31
IV. – OBSERVAÇÕES SOBRE A CASTRAÇÃO BIOLÓGICA REAL	35
V. – OBSERVAÇÕES SOBRE A PSICOPATOLOGIA SEXUAL	36
VI. – A CIRURGIA RITUALÍSTICA	38
VII. – CASTRAÇÃO “NATURAL” E CASTRAÇÃO CULTURAL	39

CAPÍTULO II Complexo: de castração, de Édipo; precisões terminológicas	41
CAPÍTULO III Natureza e cultura: proibição do incesto e complexo de Édipo	47
I. – SEXUALIDADE NATURAL E SOCIALIZADA	47
II. – FERIDAS SIMBÓLICAS E BISEXUALIDADE	51
SEGUNDA PARTE O complexo de castração em Freud	57
I. – O IMAGINÁRIO DA CASTRAÇÃO	59
II. – PRIMEIRAS APREENSÕES DO COMPLEXO DE CASTRAÇÃO NA INFÂNCIA	61
III. – NO ADULTO: O NEURÓTICO, O PSICÓTICO, O ARTISTA E O “SELVAGEM” DIANTE DA CASTRAÇÃO	63
IV. – A VIRADA: O HOMEM DOS LOBOS E O COMPLEXO DE ÉDIPO NEGATIVO	66
V. – A “REALIDADE” DA CASTRAÇÃO E O SEXO FEMININO	71
VI. – O PAI DA HORDA PRIMITIVA: UM MITO FUNDADOR E ALGUNS OUTROS DADOS MÍTICOS	74
VII. – FLORESCIMENTO DA TEORIA: COMPLEXO DE ÉDIPO E COMPLEXO DE CASTRAÇÃO (1923-1926)	77
VIII. – ABERTURA PARA O MASOQUISMO E A REAÇÃO TERAPÊUTICA NEGATIVA	81
IX. – A ANGÚSTIA DE CASTRAÇÃO E SEUS PRECURSORES	83
X. – A MENINA E A MULHER	93
XI. – ÚLTIMAS PALAVRAS: O ROCHEDO DA TEORIA	95
CONCLUSÃO	96

TERCEIRA PARTE Perspectivas contemporâneas	99
CAPÍTULO I As fontes da teorização psicanalítica	103
CAPÍTULO II A Arqueologia Imaginária em Melanie Klein	109
I. – O DESENVOLVIMENTO SEXUAL DA MENINA	110
II. – O DESENVOLVIMENTO SEXUAL DO MENINO	116
CAPÍTULO III A fase genital precoce e a fase fálica: a observação segundo Roiphe e Galenson	125
I. – A SEXUALIDADE INFANTIL COMO MOTOR DO DESENVOLVIMENTO	126
II. – O NASCIMENTO DA IDENTIDADE SEXUAL	127
III. – A FASE FÁLICA	134
IV. – A MASTURBAÇÃO INFANTIL	135
CAPÍTULO IV A lógica fálica de J. Lacan	139
CAPÍTULO V A sexualidade feminina e o complexo de castração	147
CAPÍTULO VI Sentido do complexo de castração	159
BIBLIOGRAFIA	167

COMENTÁRIOS PRELIMINARES E EDITORIAIS DE ANDRÉ GREEN

I. PREFÁCIO À EDIÇÃO *QUADRIGE*

O Complexo de Castração, escrito em 1990, conheceu três edições. É republicado hoje na coleção *Quadrige*¹. Nas notas à terceira edição, constatei que o texto original não necessitou de modificações substanciais. Minha ambição, em 1990, ia além do uso da expressão na psicanálise. Aproveitei a ocasião para abordar da maneira mais ampla possível os diversos aspectos da castração, tanto real quanto imaginária.

Um capítulo introdutório relembra as consequências da castração real no animal e no homem, decorrentes de diversas circunstâncias patológicas ou ritualísticas. Podia-se notar, por ocasião, a pobreza dos efeitos psíquicos observáveis em decorrência da patologia ou da cirurgia, em comparação com a riqueza das elaborações psicopatológicas consequentes às práticas ritualísticas.

Desde logo, nota-se, portanto, que as lesões orgânicas que atingem esta ou aquela parte da sexualidade, desde alterações genéticas até lesões dos aparelhos genitais, evidenciam os aspectos fantasmáticos patológicos ou funcionais. Isto é

1 Descrição da coleção pela editora francesa: Fundada em 1981 pela Presses Universitaires de France (PUF), a coleção *Quadrige* se propõe a reagrupar a maior parte das publicações que constituem o universo editorial da PUF, desde os grandes textos até manuais, passando por uma seleção de ensaios que marcaram recentemente o cenário intelectual.

II. ADVERTÊNCIA À TERCEIRA EDIÇÃO

Não penso, salvo engano, que esta terceira edição exija de minha parte complementos ou acréscimos concernentes à literatura publicada sobre esse assunto. O conteúdo é, portanto, semelhante ao da primeira edição.

Em contrapartida, o que foi objeto de muitas discussões é o lugar do dito complexo na teoria psicanalítica. Uma concepção dita “clássica” limitaria esse complexo à fase fálica, excluindo todos seus predecessores pré-genitais. Essa posição restritiva não corresponde à maneira moderna de abordar esse complexo. Embora ele esteja, de fato, estreitamente ligado ao complexo de Édipo, não deixa de ser certo que, cada vez mais se considera o Édipo menos como uma etapa da sexualidade infantil e mais como uma estrutura que abrange todas as experiências de falta ou de perda: perda do seio na fase oral, no momento em que o objeto se separa do eu como entidade distinta, perda do objeto fecal no treinamento esfinteriano, etc. Nessa perspectiva, que se deve sobretudo a Lacan, o complexo de castração é um agente simbólico fundamental para significar a falta. Não me parece que se deva escolher entre essas duas concepções, mas sobretudo matizar sua articulação, pois se é verdade que é no decurso do complexo de Édipo que se ilustra claramente a problemática da castração, as etapas anteriores que o precederam poderiam ser consideradas como os precursores de tal organização, que inclui potencialmente esse complexo de castração, sem, no entanto, se confundir com ele. Vê-se

III. APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO BRASILEIRA

Esta publicação pretende apresentar ao público brasileiro a obra de André Green acerca do complexo de castração. Publicada pela primeira vez em 1990, o livro discute os efeitos psíquicos de tal complexo, convidando o leitor a um percurso que evidencia a riqueza da articulação teórica de Green, bem como sua pertinência para a prática clínica. Como se poderá constatar, o autor amplia o entendimento acerca dos efeitos do complexo de castração, no psiquismo, para além das fronteiras do campo das neuroses.

Green nos apresenta um vasto e denso percorrido teórico para se aproximar do tema da castração. Partindo das contribuições da Biologia e da Antropologia, analisa aspectos da castração real (biológica ou ritualística), para em seguida, no campo simbólico, explorar questões relacionadas ao complexo de Édipo, culminando nas contribuições da teoria freudiana, que levam Freud a utilizar o termo *complexo* de castração.

O autor passa a desenvolver, a partir das formulações de Melanie Klein, aspectos do desenvolvimento sexual na menina e no menino para, então, apresentar suas contribuições acerca da constituição da sexualidade, fazendo trabalhar a teoria psicanalítica. Green nos apresenta, ainda, ao final da terceira parte de seu livro, sua leitura a respeito da lógica fálica lacaniana.

Por fim, encontramos nos últimos capítulos uma discussão acerca da sexualidade feminina. Articulando as proposições freudianas com propostas de psicanalistas pós freudianos, como Melanie Klein, Donald Winnicott,

influência decisiva ao desconstruir a ideia de gênero como essência natural ou biológica. A autora desenvolve a noção de performatividade de gênero, segundo a qual não é algo que se “é”, mas algo que se “faz” repetidamente por meio de atos discursivos e normas sociais regulatórias — uma construção contingente, histórica e passível de subversão.

Na recente produção brasileira, a Revista Brasileira de Psicanálise (publicação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo) tem dedicado edições e artigos temáticos a sexualidade e gênero, que incluem discussões contemporâneas sobre transexualidade e transidentidades. Como exemplo desta discussão, artigos abordam a elasticidade identitária, transidentidades e dissidências sexo-gênero na clínica contemporânea, refletindo uma abertura à multiplicidade e ao acolhimento singular⁶.

A tradução aqui apresentada se faz, portanto, fiel ao texto de Green, com esta nota prévia ao leitor, sem alterar o texto original e, sim, situá-la criticamente no horizonte atual do debate psicanalítico — um debate que se renovou para acolher a transexualidade/transgeneridade como variação legítima da subjetividade, convocando a teoria a se atualizar diante do real de tais experiências.

Por fim, as propostas contidas nesta publicação apresentam fundamentos de grande valor à teoria psicanalítica, que convidam o leitor a considerar o complexo de castração como um marco referencial no que tange às formas do sujeito lidar com as experiências de falta ou perda. Desta forma, além de aproximar a castração ao complexo de Édipo, oferecem subsídios teóricos que possibilitam “situar” a castração simbólica mesmo em experiências anteriores à fase edípica.

6 Como alguns exemplos desta discussão, artigos como “A transexualidade hoje: questões para pensar o corpo e o gênero na psicanálise”, de Patrícia e “A diferença entre os sexos na teoria psicanalítica: aporias e desconstruções”, de Thamy Ayouch, além de edições recentes inteiramente dedicadas ao tema (vol. 59, n. 4, 2025)

INTRODUÇÃO

Sexo vem de *secare*, de *sexion*. O nome porta, portanto, o traço de um corte, aquele que separa os dois sexos e que remete a uma androginia primitiva mítica. Mas a *sexion*, a castração, é também o que separa o sexo do corpo. A sexualidade humana depende da ação coordenada de determinações complexas. Diversos capítulos biológicos, sociológicos e históricos, éticos, familiares e psicológicos interligam seus efeitos uns nos outros. Só no capítulo biológico, é preciso levar em conta níveis de atividade escalonados que dependem da transmissão cromossômica, do desenvolvimento embrionário e das secreções hormonais que intervêm em etapas diferentes do desenvolvimento. Este último se estende da concepção até a puberdade (fisiologicamente) e da adolescência até tarde na vida adulta, onde se podem observar mudanças na vida sexual (viradas da heterossexualidade para a homossexualidade). Pode-se facilmente imaginar que uma deterioração de qualquer um dos níveis considerados ou de qualquer uma das etapas que intervêm no tempo bloqueie o desenrolar dos processos necessários à manifestação da vida sexual, o que poderia ser assimilado a uma castração.

Entretanto, no sentido estrito, a castração consiste na privação dos meios de reprodução. Ela se aplica, portanto, aos órgãos sexuais secundários “terminais” da sexualidade. Ela pode ser anatômica e fisiológica ou apenas fisiológica. Ela pode ser devida a razões involuntárias (patológicas ou acidentais) ou intencionais (as aceitas: cas-



**PRIMEIRA
PARTE**

**SITUAÇÃO DO COMPLEXO
DE CASTRAÇÃO**

CAPÍTULO I

Aspectos da castração real: biologia e antropologia

Antes que Freud dela falasse, a castração é antes de tudo um fato real. Ela tem sido praticada desde a mais alta Antiguidade para domesticar os animais¹. Certas sociedades a utilizaram como uma medida de precaução para assegurar a castidade das mulheres confiadas à guarda de homens que se tornavam eunucos. Na era do desenvolvimento do conhecimento científico, estuda-se as modificações que acarreta a ablação experimental dos órgãos genitais, no animal. No homem, a patologia realiza uma espécie de experimentação espontânea. Seja que a castração resulte diretamente de uma lesão dos órgãos genitais, seja ainda que a terapêutica para a patologia exija essa medida indispensável. Enfim, as anomalias genéticas realizam alterações que equivalem a uma castração, mas o quadro é mais complexo.

Quanto mais um animal pertence a uma espécie mais próxima do homem, mais a determinação do sexo se complica, e mais o entre hiato animal e homem faz aparecer

1 A este respeito, lembremos que as experiências de Pavlov sobre os reflexos condicionados, cujo material experimental era o cão, eram frequentemente praticadas em animais previamente castrados, para diminuir o inconveniente de seu "reflexo de liberdade". Que eu saiba, pouco se tirou as consequências científicas e ideológicas desta condição.

CAPÍTULO II

Complexo: de castração, de Édipo; precisões terminológicas

Como encontramos a palavra complexo associada tanto a Édipo quanto à castração, não é inútil precisar sua significação. Poderíamos sustentar que o emprego desta palavra nas origens da psicanálise traduz no campo psicopatológico uma preocupação análoga àquela que encontramos em outras disciplinas que remetem aos termos de conjunto ou de grupo.

A ideia geral que lhe subjaz é que, quando se trata de complexo, mesmo que se faça alusão apenas a um único dos traços que lhe pertencem, a significação deste traço isolado, parcial, só tem sentido verdadeiro se for relacionado ao conjunto dos outros traços que compõem o complexo, sendo o significado em questão subordinado ao sentido revelado pela constelação global que define o complexo como tal.

Assim, a *ameaça* ou a *angústia* de castração são partes integrantes do complexo de castração. Este último é um conjunto reunindo a *teoria sexual infantil* relativa ao sexo feminino – portanto, a diferença dos sexos contemplando o ponto de vista anatômico, com suas consequências psíquicas (a mãe como ser castrado, o pai como castrador) – a *cena primária* (como cena de castração da mãe pelo pai),

CAPÍTULO III

Natureza e cultura: proibição do incesto e complexo de Édipo

Que a psicanálise tenha abundantemente reencontrado nas experiências clínicas as manifestações do complexo de castração e sua ligação com o Édipo suscita, no entanto, uma clarificação. Após negar por muito tempo sua existência, tentou-se limitar a abrangência da concepção freudiana limitando-a seja à patologia, seja às condições sociológicas, históricas e geográficas de seu surgimento. Em contrapartida, Freud continuava, ao contrário, a defender a universalidade de sua descoberta contra ventos e marés. Se, para os modernos, essa universalidade não se baseia mais na referência a esquemas filogenéticos hereditariamente transmitidos, como pensava Freud (o que a genética contesta absolutamente), interroga-se mais sobre uma transmissão cultural, sem dúvida mais implícita que explícita.

I. – SEXUALIDADE NATURAL E SOCIALIZADA

Sabe-se o passo decisivo que permitiu transpor a hipótese de C. Lévi-Strauss sobre a proibição do incesto como regra das regras e fundamento da diferenciação entre natureza e cultura. Lembremos, todavia, que tal hipótese toma



**SEGUNDA
PARTE**

**O COMPLEXO DE
CASTRACÃO EM FREUD**

Freud pode reivindicar, sem contestação possível, ter sido o descobridor do complexo de castração. Ao longo de sua obra, detecta-se, parte por parte, os elementos cuja montagem constituirá a teoria.

I. – O IMAGINÁRIO DA CASTRAÇÃO

Poderíamos esperar ver aparecer o complexo de castração em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Não é nada. O complexo de castração revela-se primeiro a Freud através das formações imaginárias. Sem dúvida, o aumento da censura favorece no trabalho do sonho (capítulo de *A interpretação dos sonhos*, 1899-1900) que trata pela primeira vez da questão)¹ a figuração simbólica da castração (calvície, corte de cabelo, queda dos dentes, decapitação, etc.). É notável que esta seja representada seja por uma falta; seja ao contrário, por uma insistência em marcar o elemento fálico (multiplicação dos pénis). E já Freud sublinha o sentido figurado de que se usa a linguagem para chamar os genitais: os pequenos ou o pequeno, o que prefigura o conceito que ele proporá ulteriormente da “pequena coisa que pode se destacar do corpo”. O pequeno é, mais manifestamente, o irmãozinho, a criança. Em suma, já a simbolização faz do pénis uma representação do corpo todo. Mais banalmente, o simbolismo dos pequenos animais tem a mesma significação (peixes, caracóis, ratos e sobretudo serpentes). Esta entrada da castração na teoria pela porta do sonho mostra

1 Jean Laplanche assinala nesta obra um sonho que remete muito explicitamente à castração, *Interpretação dos sonhos*, p. 496-497, cf. *Problématiques*, II, PUF, 1980, p. 14-15.



**TERCEIRA
PARTE**

**PERSPECTIVAS
CONTEMPORÂNEAS**

Desde Freud, o complexo de castração não cessou de ser objeto de reflexões provenientes das perspectivas mais variadas. Escolhemos reter alguns pontos de vista entre os mais representativos. A obra de Melanie Klein imprimiu uma profunda mutação ao pensamento de Freud. A importância do movimento kleiniano na psicanálise contemporânea justifica, portanto, que a ela nos detenhamos. Mas sabe-se que esta corrente suscita numerosos opositores, desde longo tempo. Uma das críticas que lhe são endereçadas é a elevada improbabilidade de suas especulações, sobretudo na idade onde Melanie Klein as situa. Desde Anna Freud, a corrente conhecida por psicanálise genética, iniciada por René Spitz e que prosseguiu, entre outros, com Margaret Mahler, veicula as opiniões daqueles que submetem as teorias do desenvolvimento a um estudo sistemático. H. Roiphe e E. Galenson têm a este respeito descrito reações de castração pré-edipianas. À oposição destas visões essencialmente fundadas sobre uma visão que concebe o primado à história ou à ontogênese, as concepções de Jacques Lacan refletem uma opção totalmente oposta, dita estrutural, que se aproximou do estruturalismo. Lacan toma distância tanto em relação a toda inferência de um embasamento orgânico da sexualidade (embora admita a solidariedade somático-psíquica), da mesma forma que denuncia tanto os engodos do imaginário kleiniano quanto a observação sempre suspeita de exalar certo comportamentalismo.

CAPÍTULO I

As fontes da teorização psicanalítica

1. As primeiras e principais fontes de informação vêm dos *processos de análise de adultos*. Aqui, é preciso considerar as distorções da memória e, portanto, da informação sobre a infância não como fatores de suspeita mas, ao contrário, como altamente indicadores do que a originalidade da concepção psicanalítica da infância não repousa unicamente sobre as marcas positivas da sexualidade, mas também sobre o laço indissolúvel que esta contrai com os fantasmas e as defesas de ordens diversas. A tomada em consideração das defesas é parte integrante da avaliação da atividade pulsional à qual elas se aplicam. Todos aqueles que se apegam a uma abordagem *direta* do conhecimento da criança devem, primeiro, recordar que as defesas continuam a desempenhar seu papel no processo de conhecimento do investigador, pois nada é mais impressionante que a maneira como “o observador” observa fatos que confirmam sua teoria, isto é, segundo a concepção freudiana, kleiniana, winnicottiana, malheriana, etc., do desenvolvimento da criança. Estas observações convidam a desconfiar de toda visão redutora das coisas. Da mesma forma, é preciso insistir sobre o fato de que a posta em evidência dos traços relativos ao inconsciente e à sexua-

CAPÍTULO II

A Arqueologia Imaginária em Melanie Klein

Desde seu livro sobre *Psicanálise das crianças* publicado em 1932, Melanie Klein estuda em dois capítulos distintos a consequência das angústias mais precoces sobre o desenvolvimento sexual da menina e sobre aquele do menino. Desde a leitura das primeiras linhas, ficamos impressionados com o tom novo e livre da autora cujo pensamento original situa-se em nítida demarcação tanto das ideias de Freud quanto daquelas de seus discípulos ou mesmo dos futuros dissidentes (K. Horney). Assiste-se a uma verdadeira mutação. É provável que seja o ponto de partida (a psicanálise de crianças) a causa desta nova maneira de compreender o material. O lugar que ocupa a interpretação simbólica a partir do jogo é sem dúvida essencial, mas não mais do que a grade interpretativa escolhida pela autora, da qual não se poderia pensar que as falas ou os jogos das crianças lhe teriam fornecido as chaves já forjadas, bastando depois aplicar as regras de funcionamento. É, bem, uma escuta particular que a fez escolher ouvir o que compreendeu.

O kleinismo hoje conta muitos adeptos e, sem dúvida, evoluiu desde suas formulações. Se é possível levantar reservas quanto à sua compreensão dos fenômenos, restará

CAPÍTULO III

A fase genital precoce e a fase fálica: a observação segundo Roiphe e Galenson

A metapsicologia de Freud comporta três pontos de vista: tópico, dinâmico, econômico. A psicanálise americana acrescentou-lhe dois outros: um ponto de vista adaptativo e um ponto de vista genético. Aliás, um decorre do outro: uma evolução genética “normal” caminha de mãos dadas com uma adaptação satisfatória ou bem-sucedida. Mas já antes que se impusessem estas novidades do outro lado do Atlântico, a psicanálise havia experimentado um impulso importante na sua busca pelos fatores traumáticos dos primeiros tempos de vida.

Faço aqui alusão às discussões suscitadas pelo livro de Rank sobre o trauma do nascimento e à angústia que lhe estaria associada como o precursor mais antigo da angústia de castração e o protótipo de toda a angústia. Por mais interessantes que sejam as ideias de Rank, não nos deteremos nelas remetendo à sua obra¹ ou à discussão detalhada que Laplanche lhe consagra². No entanto, já em 1924 abria-se

1 *Le traumatisme de la naissance*, Paris, Payot, 1968.

2 *Problématiques V: castrations et symbolisations*, PUF, 1980, p. 119 et s.

CAPÍTULO IV

A lógica fálica de J. Lacan

Se há um autor na psicanálise contemporânea que muito fez para devolver à castração a importância que Freud lhe havia atribuído, este autor é Jacques Lacan, cujas ideias se inscreveram em contracorrente. Enquanto um conjunto de psicanalistas voltava seu interesse para o estudo dos estágios pré-fálicos, para as primeiras relações mãe-criança, e tendia a eclipsar progressivamente o papel do pai, do complexo de Édipo e da castração, Lacan trabalhou para restaurar os conceitos freudianos, conferindo-lhes uma interpretação menos estreita e mais metafórica. Ele também integrou o lugar da castração em uma teoria mais global da falta, cuja abrangência geral nos permite questionar se não embaralha as diferenças entre as estruturas (por exemplo, pré-edípianas e edípianas) da falta e se essa versão filosófica de um conceito freudiano não diluía seu impacto clínico. Se uma interpretação excessivamente literal da obra de Freud a torna, às vezes, esquemática e até ingênua, uma glosa filosófica tem também o inconveniente de restringir a um conjunto de ideias puras ou de conceitos abstratos.

No que diz respeito às diferenças sobre o estatuto da castração, Lacan propôs distinguir a frustração, a privação e a castração. É verdade que, numa época em que muito se

CAPÍTULO V

A sexualidade feminina e o complexo de castração

Os problemas colocados pela sexualidade feminina merecem um capítulo especial, sobre o qual é legítimo concluir. A literatura sobre a sexualidade feminina aumentou tanto nos últimos anos e a variedade de pontos de vista é tão extensa que só será possível dar dela um breve apanhado dentro dos limites deste trabalho. A recriminação de androcentrismo feita a Freud é, ao mesmo tempo, justa e injusta. Justa, porque espontaneamente Freud, quando escreve sobre a sexualidade, e sobretudo a sexualidade infantil, tem em mente o menino. Às vezes ele se limita a isso como se o essencial estivesse dito, sendo as variantes consideradas negligenciáveis. Injusta, porque desde que toma explicitamente por objeto o caso da menina, ele levanta as suspeitas de androcentrismo. É ele quem contesta pela primeira vez a universalidade da angústia de castração ao afirmar que a menina não poderia ser por ela atingida. Se é verdade que ele afirmou que os dois sexos tinham praticamente o mesmo desenvolvimento antes da fase fálica (o que hoje não é mais tão facilmente aceito), ele não deixará de marcar as diferenças entre as fases fálicas do menino e da menina.

Capítulo VI

Sentido do complexo de castração

Qual é o sentido do complexo de castração? Deve-se buscá-lo na vida biológica, social? Quanto ao primeiro ponto, nossa incursão nesse domínio mostra que não é o caso. A não ser que... os efeitos da castração real revelam, de fato, que as perturbações propriamente sexuais são menos marcantes do que as manifestações ansiosas ou depressivas, a apatia, a inércia, o fechamento em si. Em outras palavras, a sexualidade é fonte primeira de *investimento*. Quanto ao segundo ponto, a pesquisa antropológica nos ensina que, ao contrário do que uma concepção simplista poderia levar a crer, os interditos que incidem sobre a sexualidade em sociedades sem escrita são numerosos — ainda muito mais numerosos do que nas sociedades com escrita. E, se a castração não é diretamente praticada, as “feridas simbólicas”, exigidas pelo grupo social, dificilmente podem ser compreendidas de outro modo senão como equivalentes dela. Ainda que não decorra disso necessariamente que ela deva ter uma interpretação unívoca, uma vez que certas mutilações, como a subincisão, podem ser consideradas vantajosas (Roheim). A prática ritual que se liga simbolicamente à castração inscreve-se na problemática das relações, na maioria das vezes conflituosas, entre os sexos e pode ser interpretada como



www.arteseecos.com.br

Este livro foi composto em ARNHEM e impresso na cidade
de PORTO ALEGRE, em MARÇO de 2026.